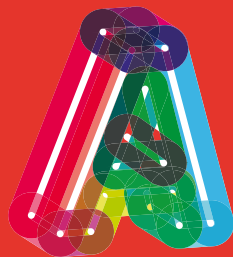


UIISO LAEMANY
EROTICA



ARTLOUNGE



A OLHO NU

A abordagem mínima para imagens
eróticas de Uiso Alemany

Fernando Castro Flórez

Nós não temos nenhum lugar comum, somos comprometidos com o banal, levando à destrutiva, quando a experiência é de cinzas.¹ A nossa época está cheia de cicatrizes e tatuagens, mas o olhar que se impõe é o do olho sem pálpebras.² “Como na Idade Média, a representação do corpo parece ser tolerado somente se o tivermos quebrado, fragmentado, desmembrado, ou repegado ou traçada como procedimentos sem precedentes”³. Alemany Uiso implantou uma pintura que é constante na presença do corpo como uma espécie de residual quebrado e restaurado submetido a tensões que podem ser classificados como uma luxação alegre. Se a máscara facial pode ser um torturante e até mesmo a evolução do macaco, sombra erotismo também em combate perturbador e orgias, e retalhamento voyeurismo, excitação stripping e frenética. ¶ Um dos temas desenvolvidos Uiso Alemany obsessivo em sua pintura é o erotismo, que eu considero uma chave para as reflexões de Georges Bataille. Sob um excesso clássico tardio: sangue, sêmen (que muitas vezes serve como um sujeito pictórico em suas obras), as lágrimas, sustentam essa geometria das paixões. Bataille acredita que a dialética da transgressão e proibição é a condição e continua a ser a essência do erotismo. Campo da violência, o que acontece no erotismo é a solução, a destruição de ser fechada num estado normal é um participante do jogo. Uma forma de violência extrema é a nudez que é um estado paradoxal de uma melhor comunicação ou uma lágrima de ser uma cerimônia patética que ocorre na transição da animalidade à humanidade.⁴

¹ Mas numa condição na qual o homem foi expropriada experiência, a criação de tal “lugar comum” só é possível através de uma destruição de experiência no mesmo tempo, desobedecer a autoridade, uma vez que revela essa destruição é realmente a nova casa do homem (Giorgio Agamben, *Infância e História*, Ed Adriana Hidalgo, Buenos Aires, 2003, p. 56).

² Exausto olho sem pálpebras para ver e ser visto “é o que diz Marcel Henaff do nosso corpo ocidental a chegar ao fim de um primeiro programa delineado por Sade. Grafia-porno: as marcas de condicionamento nu da ferida, feridas, rachas, feridas de trabalho, lazer, bobagem, humilhação, alimentos sujos, choque, medo, sem correntes, sem cicatrizes, dor de garganta não fecha” (Jean-Luc Nancy, *Corpus*, Ed Arena, Madrid, 2003, p. 63).

³ Jean Clair: Em *Louvor do visível*, Ed Seix Barral, Barcelona, 1999, p. 211.

⁴ A ação decisiva é para ficar nua. A nudez é aposte ao estado fechado, isto é, o estado de ser quebrado. É um estado de comunicação, revelando a busca de uma continuidade possível do ser além de uma volta sobre si mesmo. Obscenidade, a condição que um estado perturbado dos corpos sob a posse de si à posse da individualidade afirmada duradoura (Georges Bataille, *O erotismo*, Ed Tusquets, Barcelona, 1985, p. 31. Cf Mario Perniola: “Entre vestido e despido” em *Fragmentos de uma história do corpo humano*, Parte II, Ed. Taurus, Madrid, 1991, pp 245-246).



Qual seria a verdade, a questão Bataille, se não ver o que excede a capacidade de ver? É fácil ver o topo da profanação, onde uma mosca pousa no olho vidrado de um padre morto após a vergonha do prazer, na intensidade louca que é o inverso da dissolução final⁵. Quando nos aproximamos do segredo em primeiro lugar também repugnante, que cheira a sangue e esperma. Alemany Uiso certamente irá concordar com Bataille que o erotismo é a aprovação da vida até na morte. E isso não é fácil de fazer: às vezes gostamos de lágrima de seus olhos para ver que isso é o fim. Édipo continua preocupado. ¶ Uiso Alemany, grande mestre, persegue o nu sublime⁶ das mulheres, entendendo que não bate bem como a sensualidade tremenda. Não há beleza sem catástrofe e até mesmo a castração⁷. Outro pode ter as características de um abismo, da mesma forma que a ordem simbólica se encontra oculta pelo objeto fascinante da fantasia. “Nós experimentamos cada vez que olhamos nos olhos de outra pessoa e sentir a profundidade de seus olhos.”⁸ Devemos recordar que a origem do mundo de Courbet obrigara a contemplar como o sexo feminino num primeiro plano bestial. Onde Lacan colocara outra imagem como “uê”, o artista o que prefere é despir para mostrar, vale uma vez mais a evocação de Valery, que o mais profundo é a pele. Com toda a superfície que cria o desejo, a personificação mais emocionante não deixa de ser abismal, o limiar do atroz. “Não conheço, diz Bataille, nada neste mundo adorável que não exceda a necessidade de usar, não devastado e abalado o amor, em resumo, que não era sobre não ser capaz de ser mais apoiada”⁹. Como o olho cego preso na vagina de Simone¹⁰, os olhos vorazes penetrar a tontura Uiso Alemany e excesso de assentar, intransigente decorativas, um imaginário que é, em si, erótico.

⁵ O romance [A História do Olho] conclui-se em Espanha, uma igreja, na sacristia de uma igreja onde um padre é levado ao delírio sexual, onde eu sêmen espirrou as hóstias consagradas, onde é forçado a beber urina na cálice da missa e onde, finalmente, é executado pela última gota de esperma na vagina da Simone. O corpo encontra-se com os olhos abertos e uma mosca vem para descansar em um dos olhos vidrados. Simone estremece “mergulhou em um abismo de pensamentos.” O olho é puxado para fora de sua órbita, o olho é inserido na vagina da Simone (Franco Rella, *Nos confins do corpo*, Ed Nueva Visión, Buenos Aires, 2004, p. 54).

⁶ É sublime, Kant nos diz, o que revela um poder todo-abrangente absoluta que ultrapassa os nossos poderes de representação, e até mesmo a nossa imaginação, no entanto, a totalidade absoluta é precisamente o que o nu, não oferece, há pouco Diga-se impõe, greves, sob a égide de lei, pelo que, a princípio chamado de “tudo lá” na sua presença. Do sublime, o nu tem violência, o cachoeira ou o mar em fúria, ainda mais intensa, uma vez que está contido no limite do que o corpo tão perfeitamente proporcionado ... (François Jullien, *Sobre a essência do nu*, Ed Alpha Decay, Barcelona, 2004, pp 172-173).

⁷ Não há beleza celestial castração do Céu, ou o conhecimento um do outro sem a expressa escola horror Apollo (Marsyas):” Por que arrancar de mim e mim mesmo (Georges Didi-Huberman, *Venus rachado*, Ed. Losada, Madrid, 2005, p. 60).

⁸ Slavoj Žižek: “sublimação e objeto em queda” Tudo o Que Você Queria Saber sobre Lacan, mas tinham medo de perguntar Hitchcock, Ed Manantial, Buenos Aires, 1994, p. 145.

⁹ Georges Bataille, “Carta a René Char no Incompatibilidades do Escritor” em erotismo, alegria e literatura. Ensaios 1944-1961, ed Adriana Hidalgo, Buenos Aires, 2001, p. 141.

¹⁰ Bataille mostrou como além nudez nudez sempre há uma outra escondida. Já apontou que Simone, na história do olho, um olho morto é preso na vagina, os olhos em um furo cego, um olho que não vê nada em um cache que é fechada após uma curta distância a tornar-se verdadeiramente um beco sem saída, “end”, como eu gosto de dizer Bataille “(Franco Rella: Na borda do corpo, Ed Nueva Visión, Buenos Aires, 2004, p. 21).



Vemos imagens eróticas Uiso Alemany e descobriu que algo como um tubo ou um vibrador de sexo de pernas abertas de uma mulher grosseiramente, os rostos estão contaminados pelas cores extremas, as poses são fortes, meias pretas a introduzir a memória de um bordel do século XIX. A partir do corpo das mulatas cubanas sentadas nas cadeiras Uiso vai modular seus desejos, em proximidade com a pulsionalidade picasiana mas com o seu último suspiro. Uma mulher montando um homem sexualmente, uma que olha viés, tem um crucifixo em sua barriga com seu sexo, que parece dada a devaneios ou mesmo entrar em alguns prazeres lésbica. O pintor fornece mão masturbatória explícita de uma mulher que fecha os olhos no topo do prazer, um cruzamento entre “looks” que nos lembra mais uma vez, que o desejo é o desejo do outro. ¶ Acaso Seneca tenha razão, “um prazer nascido para morrer”, a relação sexual prenuncia o final escuro, o abraço em que o prazer se totaliza faz a felicidade efêmera. Sum: Coitabant¹¹. No momento do orgasmo, quando a cabeça foi perdida, começa um lento declínio, um sono pesado, o desejo de que o fogo de novo, de novo, para Aviva-se. Aqueles que amam a pintura são suspeitos. A vida se olha. O que anima a animalidade da alma, não se distancia de si. O ego quer a reflexão, a separação entre interior e exterior, a morte que vem e vai continuamente de um para outro. Devemos amar também a ignorância como a própria vida que persiste nele. Qualquer homem pensa tudo saber está separado de sua cabeça e ao acaso. Qualquer homem que pensa tudo saber mantém a sua cabeça acima do espelho. O que ele condena o fascínio (a confusão erótico) é também o que o protege da loucura.¹²

¹¹ Por que Orfeo olha para trás? Na cena original, é a origem do sujeito que procura ser representado como um sentinela ou um voyeur espreitando entre seus dedos que o que você vê através de seus olhos. Porque Coit, nós existimos. Quando sexual plural imperfeito resposta “ego” no presente. A parte traseira está em vista como vive o passado no presente. A primeira cena é invisível, inacessível. Ninguém tem acesso a ele por dez meses lunares nos separar para sempre. Nenhum homem pode ouvir o choro do instante em que o esperma que o criou derrama. Quando não é o grito, essa semente ainda é casual. A cena é sempre invisível inventado. É a realização de elementos desconexos e individualizados que vêm depois. É o que dá forma ao informe, que procura uma imagem para a ausência de imagens, uma representação do irrepresentável que vem, ou entrar na matéria, antes do início, antes da concepção e antes do nascimento (porque no homem, a relação sexual, origem, concepção, nascimento, são separados ao longo do tempo). Cogitação do sujeito sobre sua origem é misturada com a agitação tumultuosa relação sexual ocorreu até ele era capaz de fazê-lo. Não pode ser escrito presente sexual. Ele não sabe nada contemporânea sexual (ou mesmo a nós mesmos). O sexual está fadada ao passado absoluto. O sexual é aoristo. Sum: Coitabant¹¹ (Pascal Quignard: Sexo e horror, Ed Tiny, Barcelona, 2005, pp 153)

Uma forma de
violência extrema
é a nudez que é um
estado paradoxal
de uma melhor
comunicação ou
uma lágrima de
ser uma cerimônia
patética que ocorre
na transição da
animalidade à
humanidade.



Erotica, 2009
Técnica mista sobre tela
50 x 65 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
70 x 100 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre tela
75 x 100 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
70 x 100 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
50 x 65 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
50 x 65 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
40 x 50 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
115 x 135 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
115 x 135 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
40 x 50 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
115 x 135 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
115 x 135 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
115 x 135 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
40 x 50 cm



Erotica, 2011
Técnica mista sobre tela
40 x 50 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
70 x 100 cm



Erotica, 2011
Técnica mixta sobre tela
30 x 54 cm



Erotica, 2011
Técnica mixta sobre tela
30 x 54 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
70 x 100 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
75 x 100 cm

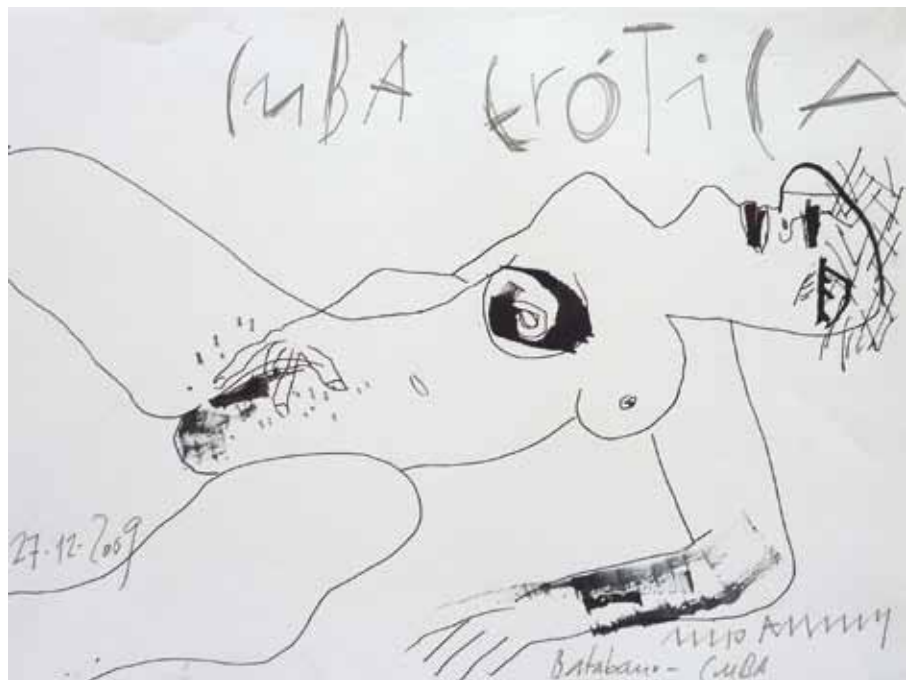


Erotica, 2010
Técnica mista sobre papel
27 x 35 cm

Erotica, 2010
Técnica mista sobre papel
27 x 35 cm

Erotica, 2010
Técnica mista sobre papel
27 x 35 cm

Erotica, 2010
Técnica mista sobre papel
27 x 35 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
24 x 32 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
24 x 32 cm



Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
24 x 32 cm

Erotica, 2009
Técnica mista sobre papel
24 x 32 cm



LA MIRADA AL DESNUDO

Una mínima aproximación al imaginario erótico de Uiso Alemany

Fernando Castro Flórez

Carecemos de lugar común, estamos entregados a lo banal, derivando hacia lo destructivo, cuando la experiencia es ceniza¹. Nuestra época está llena de cicatrices y tatuajes, aunque la mirada que si impone sea la del ojo sin párpado.² “Como en la Edad Media, la representación del cuerpo solamente parece tolerada si se presenta deshecho, fragmentado, desmembrado, o bien “repegado” o remontado según inauditos procedimientos”.³ Uiso Alemany ha desplegado una obra pictórica en la que es constante la presencia de lo corporal como una suerte de residualidad fracturada y recompuesta, sometida a tensiones que pueden ser calificadas como una gozosa dislocación. Si el rostro puede convertirse en una máscara atroz e incluso devenir simiesco, el erotismo también adquiere una tonalidad inquietante: combate y orgía, despedazamiento y voyeurismo, desnudamiento y excitación frenética. ¶ Uno de los temas obsesivos que desarrolla Uiso Alemany en su pintura es el erotismo, en un clave que considero cercana a las reflexiones de Georges Bataille. Bajo las formas clásicas late la desmesura: la sangre, el semen (que con frecuencia sirve como materia pictórica en sus obras), las lágrimas, sostienen esa geometría de las pasiones. Bataille considera que la dialéctica de transgresión y prohibición es la condición y aún la esencia del erotismo. Campo de violencia, lo que acontece en el erotismo es la disolución, la destrucción del ser cerrado que es un estado normal en un participante en el juego. Una de las formas de violencia extrema es la desnudez que es un paradójico estado de comunicación o mejor un desgarramiento del ser, una ceremonia patética en la que se produce el paso de la humanidad a la animalidad.⁴

¹ “Pero en una condición en que al hombre le ha sido expropiada la experiencia, la creación de semejante “lugar común” sólo es posible mediante una destrucción de la experiencia que, en el mismo momento en que desobedece a su autoridad, devela de golpe que esa destrucción es en realidad la nueva morada del hombre” (Giorgio Agamben: Infancia e historia, Ed. Adriana Hidalgo, Buenos Aires, 2003, p. 56).

² “Ojo sin párpado agotado de ver y de ser visto”: es lo que dice Marcel Hénaff de nuestro cuerpo occidental llegando al término de un programa primeramente trazado por Sade. Porno-grafía: el desnudo grabado de estigmas de la llaga, heridas, fisuras, chancros del trabajo, del ocio, de la tontería, de las humillaciones, de alimentos sucios, de golpes, de temores, sin apósitos, sin cicatrices, llaga que no se cierra” (Jean-Luc Nancy: Corpus, Ed. Arena, Madrid, 2003, p. 63).

³ Jean Clair: Elogio de lo visible, Ed. Seix Barral, Barcelona, 1999, p. 21.

⁴ “La acción decisiva es ponerse desnudos. La desnudez se opone al estado cerrado, es decir al estado de existencia discontinua. Es un estado de comunicación, que revela la busca de una continuidad posible del ser más allá de un plegamiento sobre sí. La obscenidad significa el trastorno que desarregla un estado de los cuerpos conforme a la posesión de sí, a la posesión de la individualidad duradera y afirmada” (Georges Bataille: El erotismo, Ed. Tusquets, Barcelona, 1985, p. 31. Cfr. Mario Perniola: “Entre vestido y desnudo” en Fragmentos para una historia del cuerpo humano, Parte segunda, Ed. Taurus, Madrid, 1991, pp. 245-246).



¿Qué sería de la verdad, pregunta Bataille, si no viéramos aquello que excede la posibilidad de ver? No es fácil contemplar la cima de la profanación, allí donde una mosca se posa sobre los ojos vidriosos de un cura muerto tras la placentera vejación, en la loca intensidad que es el reverso de la disolución definitiva. Al acercarnos al secreto ponemos también en primer término lo repugnante, eso que huele a sangre y esperma. Seguramente Uiso Alemany estará de acuerdo con Bataille en que el erotismo es la aprobación de la vida hasta dentro de la muerte. Y eso no es nada fácil de hacer: a veces nos gustaría arrancarnos los ojos para no ver eso que es lo extremo. Edipo no deja de inquietarnos. ¶ Uiso Alemany, maestro de lo descomunal, persigue el desnudo sublime de la mujer, entendiendo que ahí late tanto la sensualidad cuanto lo tremendo. No hay belleza sin catástrofe e incluso castración. El Otro puede tener las características de un abismo, de la misma forma que el orden simbólico se encuentra ocultado por la presencia fascinante del objeto fantasmático. “Lo experimentamos cada vez que miramos a los ojos de otra persona y sentimos la profundidad de su mirada”. Tenemos que recordar aquel origen del mundo que Courbet obligara a contemplar como el sexo femenino en un bestial primer plano. Allí donde Lacan colocara otro cuadro como “velo”, el artista lo que prefiere es desnudar para mostrar, valga una vez más la evocación de Valery, que lo más profundo es la piel. Con todo la superficie que despierta el deseo, la corporalidad más excitante no deja de ser abismal, el umbral de lo atroz. “No conozco –afirma Bataille– nada en este mundo que alguna vez haya parecido adorable que no excediera la necesidad de utilizar, que no devastara y no estremeciera al encantar, en una palabra, que no estuviera a punto de no poder ser soportado más”. Como el ojo ciego clavado en la vagina de Simone, la mirada voraz de Uiso Alemany penetra en el vértigo del exceso y sedimenta, sin concesiones decorativas, un imaginario que es, en sí mismo, erótico.

- 5 “La novela [La Historia del ojo] concluye en España, en una iglesia, en la sacristía de una iglesia, donde un cura es llevado a delirio sexual, donde su semen salpica las hostias consagradas, donde es obligado a beber su orina en el cáliz de la misa y donde, al fin, es ajusticiado por la última gota de esperma en la vagina de Simone. El cadáver yace con los ojos abiertos y una mosca viene a posarse sobre uno de aquellos ojos vidriosos. Simone se estremece “inmersa en un abismo de pensamientos”. El ojo es arrancado de su órbita, el ojo es insertado en la vagina de Simone” (Franco Rella: En los confines del cuerpo, Ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 2004, p. 54).
- 6 “Es sublime, nos dice Kant, lo que nos revela una totalidad absoluta que excede el poder abarcador de nuestra facultad de representación, e incluso de nuestra imaginación; ahora bien, esa totalidad absoluta es precisamente la que el Desnudo, no ofrece –es poco decir– sino impone, asesta, bajo apariencia normativa, por aquello que en principio llamé el “todo está ahí” de su presencia. De lo sublime, el Desnudo posee la violencia, la de la catarata o la del océano embravecido, incluso tanto más intensa cuanto que está contenida en el límite de ese cuerpo tan perfectamente proporcionado...” (Francois Jullien: De la esencia del desnudo, Ed. Alpha Decay, Barcelona, 2004, pp. 172-173).
- 7 “No cabe belleza celeste sin castración del Cielo, ni conocimiento de sí sin el horror expresado por el desollado de Apolo [Marsias]: “¿Por qué me arrancas así a mí mismo?”” (Georges Didi-Huberman: Venus rajada, Ed. Losada, Madrid, 2005, p. 60).
- 8 Slavoj Žižek: “La sublimación y la caída del objeto” en Todo lo que usted quiso saber sobre Lacan y nunca se atrevió a preguntarle a Hitchcock, Ed. Manantial, Buenos Aires, 1994, p. 145.
- 9 Georges Bataille: “Carta a René Char sobre las incompatibilidades del escritor” en La felicidad, el erotismo y la literatura. Ensayos 1944-1961, Ed. Adriana Hidalgo, Buenos Aires, 2001, p. 141.
- 10 “Bataille ha demostrado cómo más allá de la desnudez siempre hay otra desnudez escondida. Ya hemos recordado que Simone, en la Historia del ojo, se clava un ojo muerto en la vagina, un ojo ciego en un ciego agujero, un ojo que no ve nada más en un escondrijo que se cierra luego de un breve trecho convirtiéndose verdaderamente en un callejón sin salida: “sin salida”, como le encanta decir a Bataille” (Franco Rella: En los límites del cuerpo, Ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 2004, p. 21).

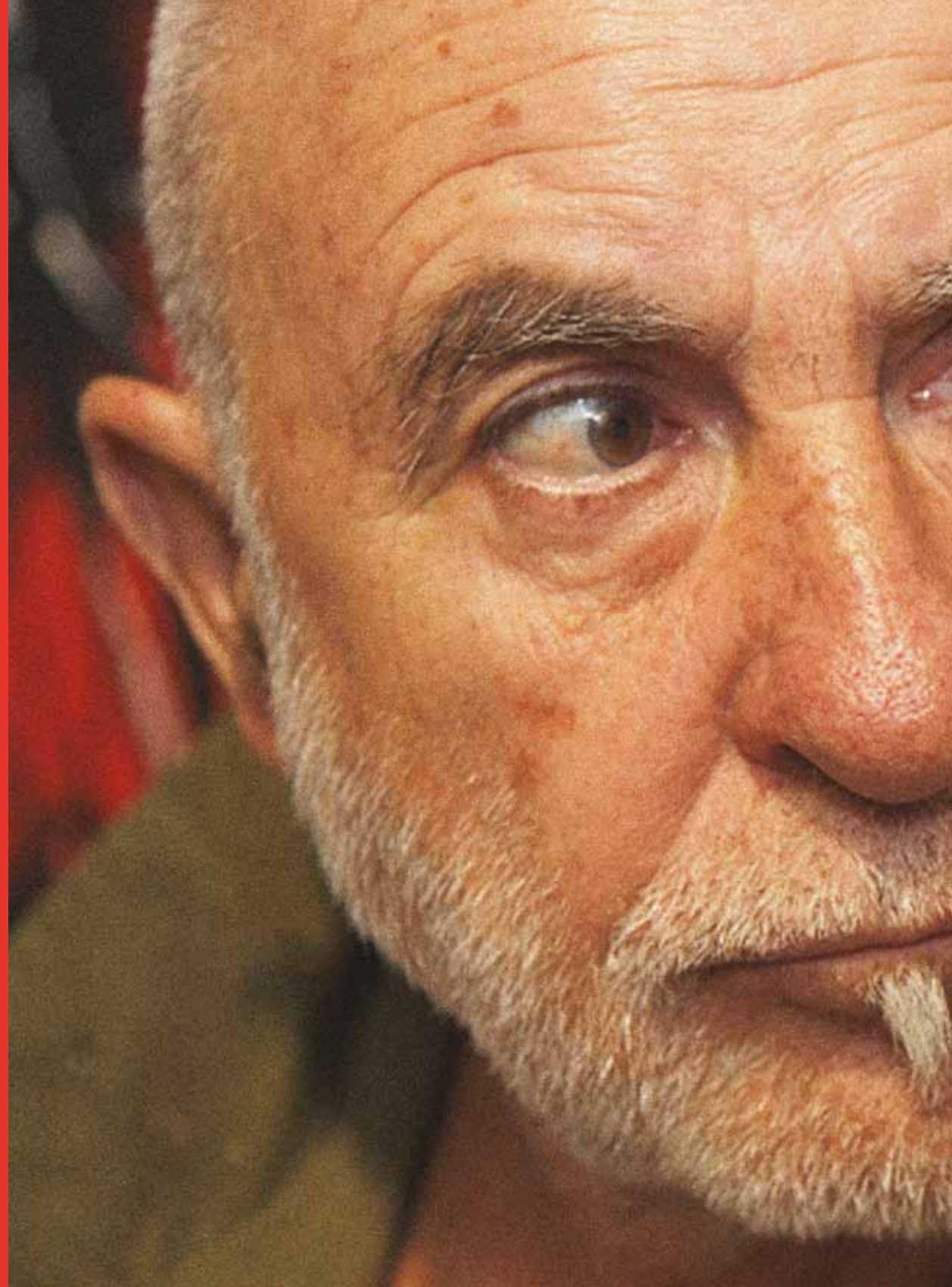


Contemplamos las imágenes eróticas de Uiso Alemany y encontramos que algo así como un tubo o un consolador sale del sexo de una mujer crudamente abierta de patas, los rostros están mancillados por los colores extremos, las poses son forzadísimas, las medias negras introducen el recuerdo de los burdeles decimonónicos. Desde los cuerpos de las mulatas cubanas a esas otras apoltronadas en butacas Uiso va modulando sus deseos, en vecindad con aquella pulsionalidad picasiana que no cejó sino con su último aliento. Una mujer cabalga sexualmente a un hombre, otra, que mira al sesgo, tiene un crucifijo en su vientre junto a su sexo, aquella parece entregada a la ensoñación o incluso algunas se entregan a los placeres lésbicos. El pintor contempla la mano explícitamente masturbatoria de una mujer que cierra los ojos en la cima del deleite, un cruce de “miradas” que nos recuerda, una vez más, que el deseo es el deseo del otro. ¶ Acaso tenga razón Séneca y nacer sea un placer que muere, el coito originario prefigura el final oscuro, ese abrazo en el que el placer se totaliza hace de la felicidad algo efímero. Sum: Coitabant. En el momento del orgasmo, cuando se ha perdido la cabeza, comienza un lento declinar, un pesado sueño, el deseo de que el fuego vuelva, de nuevo, a avivarse. “Los que aman la pintura son sospechosos. La vida no se mira. Lo que anima la animalidad del animal, lo que anima la animalidad del alma no se distancia de sí mismo. El ego desea el reflejo, la separación entre el interior y el exterior, la muerte de eso que va y viene continuamente de uno a otro. Hay que amar también la ignorancia de la que no podemos salir como a la vida misma que persiste en ella. Todo hombre que cree saber está separado de su cabeza y del azar originario. Todo hombre que cree saber mantiene la cabeza cortada encima del espejo. Lo que lo condena a la fascinación (a la turbación erótica) es también lo que lo protege de la locura”.

¹¹ “¿Por qué Orfeo mira hacia atrás? En la escena originaria, es el origen del sujeto el que busca verse representado como un centinela que acecha o como un voyeur que estrecha entre sus dedos lo que ve a través de sus ojos. Porque ellos coitaban, nosotros existimos. Al modo imperfecto del plural sexual responde “ego” en presente. Lo de atrás está en la vista como el pasado vive en el presente. La escena primera es invisible, inaccesible. Nadie tiene acceso a ella porque diez meses lunares nos separan de ella para siempre. Ningún hombre puede oír el grito en el instante en que el semen que lo crea se derrama. Cuando se produce el grito, esta simiente es todavía azarosa. La escena invisible siempre es inventada. Es la puesta en escena de los elementos desarticulados e individualizados que vienen después. Es lo que da forma a lo informe, lo que procura una imagen a la ausencia de imágenes, una representación de lo irrepresentable que entra en escena, o que entra en materia, antes del origen, antes de la concepción y antes del nacimiento (porque, en el hombre, coito, concepción, origen, nacimiento se separan con el transcurso del tiempo). La cogitación del sujeto acerca de su origen se mezcla con la agitación tumultuosa del coito que ha tenido lugar para que él haya podido hacerla. Lo sexual no puede escribirse en presente. Lo sexual no conoce nada contemporáneo (ni siquiera nosotros mismos). Lo sexual está condenado al pasado absoluto. Lo sexual es aorístico. Sum: Coitabant” (Pascal Quignard: El sexo y el espanto, Ed. Minúscula, Barcelona, 2005, pp. 153-154).

¹² Pascal Quignard: El sexo y el espanto, Ed. Minúscula, Barcelona, 2005, p. 196.

Una de las formas de violencia extrema es la desnudez que es un paradójico estado de comunicación o mejor un desgarramiento del ser, una ceremonia patética en la que se produce el paso de la humanidad a la animalidad.



Uiso Alemany nasce no mês de Novembro de 1941 em Valência.¶ Aos 13 anos, ingressou na Escola de Artes Aplicadas e aos 18 realizou sua primeira exposição individual.¶ É um dos fundadores do Grupo BULTO. Representante atual de uma tradição criativa que é a arte espanhola, especialmente a Valenciana, aberto a uma vivência claramente cosmopolita, Alemany possui uma pintura densamente inconformista, inquieta e intensa. Sua obra é repleta de dicções e matizes, numa atitude criativa que busca as possibilidades extremas da pintura.¶ A sua obra exemplifica na perfeição a ideia de John Berger, de que a pintura é a afirmação do que visivelmente nos rodeia e que está continuamente aparecendo e desaparecendo. “possivelmente, sem o desaparecimento não existiria o impulso de pintar; o visível possuiria a segurança (a permanência) que a pintura luta por encontrar.A pintura é, mais directamente que qualquer outra arte, a afirmação do existente, do mundo físico em que a humanidade foi lançada”. Do deserto dos rostos das entidades simiescas aos mais formosos corpos femininos, do rabisco à cibernética, o mundo é, simultâneamente, desmantelado e recomposto, transformado em superfície barroca, exaltada pela cor, agitada pelo gesto, intempestiva e monumental.¶ Na pintura de Uizo Alemany é muito claro o desejo destrutivo e radical de deixar uma marca pessoal; Bataille assinalou, no seu ensaio sobre “A Arte Primitiva de Luquet”, que tanto a criança como o adulto necessitam impôr-se às coisas alterando-as e, o processo de alteração é, inicialmente, uma actividade destructiva: unicamente depois do vandalismo das marcas destructivas existia o reconhecimento, por semelhança e criação de sinais.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1959 Galeria Lupke, Frankfurt;**1964**, Exposição na cidade do Porto, Portugal;**1965** Galeria Elia, Dénia, Valência;**1966** Galeria Elia, Dénia, Valência; Galeria Hoyo, Valência; Galeria Elia, Dénia, Valência;**1967** Galeria C.I.T.E., Valência;**1969** Galeria Elia, Dénia, Valência;**1970** Galeria Elia, Dénia, Valência; Galeria CultArta, Madrid;**1971** Casa da Cultura, Cuenca; Galeria da Barra, Barcelona; Internationale Kunst Messe - Basileia; Internationae Markt FurActnelle Kunst - Dusseldorf;**1972** Galeria Temps – Valência – Obra em depósito; Casa da Cultura de Carlet – exposição inaugural; Galeria Pascoal Lucas, Gandia;**1977** AlHoceima, Marrocos – exposição no colégio espanhol;**1989** Interarte, Valência;**1990** Centro cultural de Bancaixa e Universidade Politecnica de Valência; Exposição no museu Bejucal, Havana;**1992** Galeria 6 de Febrero, Valência;**1994** Exposição no museu Bejucal, Havana;**1995** Galeria Amália Arbel - TelAviui; Galeria Amália Arbel – Zion Ie Risson; L’Almodia – Valência;**1998** Sala Carrer Major, Alicante; Sala de Recepções da Diputación de Castellón; Instituto Cultural Cabanas, Guadalajara; Convento San Francisco, Haauana;**1999** Centro Cultural Borges, Buenos Aires; Centro Cultural Espanhol, Montevideo;**2000** Museu de Arte Contemporânea, S.Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea, Recife, Brasil; Museu de Arte Contemporânea, Fortaleza, Brasil; Circulo de Belas Artes, Brasil;**2001** Palazço Medici Ricardi, Florença;**2002** Galeria Zero, Ontinyent;**2004** Museu do Estado de Pernambuco, Recife, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil; Museu Instituto Tomie Ohtake, S.Paulo, Brasil;**2005** Barco da Arte, Bilbao; Galeria Vilma Eid, S.Paulo; Galeria Artlounge, Lisboa, Portugal; Galeria Estação de S. Paulo, Brasil; Galeria Artlounge, “Cuba-Cuba”, Lisboa, Portugal; Galeria Artlounge, Lisboa, Portugal – “Mali-Africa para cegos”;**2007** Galeria Paulo D’Arzê – S.Salvador da Baía, Brasil;**2009** Museu Afro Brasil. São Paulo**2010** Centro del carmen. Valencia**2011** ERÓTICA Galeria Artlounge Lisboa Portugal

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

1957 Câmara de Valência;**1958** Câmara de Valência;**1960** Exposição Nacional de Artes Plásticas, Madrid;**1963** Bienal de Saragoça, Espanha; Salão de Outono, Valência;**1964** Salão de Outono, Valência;**1965** Exposição National, Castellón; Salão de Outono, Valência; Bienal de Saragoça; Salão de Outono, Sevilha; Salão Internacional de Março, Arte Actual, Valência; Casa de Ahorros del Sureste, Murcia; Salão de Outono, Múrcia; Pintores de Cerâmica, Palácio de la Generalitat, Valência;**1968** 4 Pintores – Circulo de Belas Artes, Valência;**1969** Salão Internacional de Março, Arte Actual, Valência;**1970** Exposição Nacional, Bilbao ;

1971 Casa da Cultura de Vilafamés, Castellón; Galeria da Barra, Barcelona;**1972** Feira del Grauat, Galeria AS, Barcelona; Exposição Nacional, Villena; Bienal de Saragoça; Internationale Kunst Messe - Basileia; Internationae Markt FurActnelle Kunst - Dusseldorf; Grupo Bulto, Villamalea, Albacete; Grupo Bulto, Villar del Argobispo, Valência;**1974** Actiuidades com o Grupo Bulto,(Exposições,Conferências, Colóquios);**1975** Faculdade de Filosofia e Letras;**1976** Els Altress, Setenta e cinco anos de pintura Valenciana, Valência; Grupo Bulto; Mural 400 metros em Pedralba, Valência; Grupo Bulto - Mural 600 metros em Mislata, Valência;**1977** Galeria Temps;**1981** Exposição na Escola de Peritos Industriais, Valência; Grupo Bulto, Villar del Argobispo, Valência;**1982** Exposição de Graouas, Urbino;**1986** Circulo de Belas Artes, Valência;**1988** Galeria My name is Lolita Art, Valência;**1989** Interarte; Finisecular, Centro Cultural de Mislata, Valência;**1993** Villart – Camara de Villar del Argobispo, Valência;**1994** Exposição Abanico Hispano Cubano, Cuba;**1995** Fondos de Arte de la Universidad Politécnica de Valência; IVAM – Centro del Carne;**1996** Arco – Direcção Geral de Museus; Ultimas aquisições do IVAM ; Heterogenea; Miami – Centro Cultural Espanhol; Queretaro, Mexico – Galeria Libertat; México – Centro Cultural de Calderoyta; Deputación de Castellá, Castellá; Reales Atarazanas, Valência;**1999** Arteba, Buenos Aires; Miami – Feira de Arte;**2000** Feira de Arte de S. Paulo; Artistas Valencianos 2000, Espai D’Art Lambert, Jávea, Alicante; Imajenes yuxtapuestas, Museu da Paixão, Valladolid; Imajenes yuxtapuestas, Museu Pablo Serrano, Saragoça;**2001** Circulo de BB.AA., Madrid;**2002** Arteba, Buenos Aires;**2003** Llocs Lliures - Jávea; Fashion Art – Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires; Juguetes para Icaro – Museu de Arte Moderna de Santo Domingo;**2005** Circulo de Belas Artes, Valência; Palau da Musica, Valência; Fashion Art – Valência, Buenos Aires, Montevideo, Santiago do Chile, Bogotá, Cartagena das Indias, México, Cali, Medelin, Guayaquil.**2006** Museu Afro Brasil, S.Paulo; Carteiras para a Leucemia, Valência; Feira de Arte de Lisboa, Portugal;**2007** Museu Afro Brasil, S.Paulo; Carteiras para a Luta contra o Cancro, Valência; Galeria ArtLounge, Lisboa, Portugal; Feira de Arte de Lisboa; Carteiras para a Leucemia, Valência; Artistas Contemporaneos Espanhóis no C.Cultura & Eritage, Abu-Dhabi, Emiratos Árabes; Feira Scoope Miami, Galeria Wherehouse Contemporary Art, Itália; Feira de Arte de Madrid;**2009** Galeria ArtLounge, Lisboa, Portugal;**1909-2009** Cem anos de pintura, Valência; Arco Madrid – Arte e Gastronomia IVAM; Circulo das Belas Artes, Valência; Feira de Arte Valencia; Feira de Arte de Madrid; Feira de Arte de Lisboa; Museu Afro Brasil, S.Paulo Arte Madrid . Galeria Artlounge Feira de Arte Dubai . Emiratos Arabes . Galeria Artlounge Galeria Sergio Caribe . Sao Paulo . Brasil

Feira de Arte do Monaco. Montecarlo . Galeria Artlounge Museu Salvador Allende. Santiago de Chile Museu do Estado de Pernambuco . Recife . Brasil**2011** V.A.M. Donaciones . Instituto Valenciano de Arte Moderno Arte Lisboa . Galeia Art Lounge ART New Delhi . India . Galeria Artlounge ARTE Madrid . Galeria Art Lounge ART Monaco Montecarlo Galeria Artlounge

BIBLIOGRAFIA

Agramunt, Francisco
— “Un siglo de arte valenciano”. Tese de licenciatura, Faculdade de Ciencias da Informação. Universidade de Computação de Madrid, 1981.
— Diccionario de artistas valencianos del siglo XX. Edições Albatros, 1998.
Aguilera Cerni, Vicente
— Catálogo da exposição na Galeria Cul-Art. Madrid, 1970.
— Catálogo da exposição no Hotel de Ville de Sant-Guilles e Centro Wallon de Arte Contemporânea “La Chântaigneraie” de Flemalle. Lieja, 1991.
Alberola, Miquel
— “Uiso”. El País, 26-VI-1999.
— “Uiso en la cuadra de los Medici”. El País, 21-VI-2002.
— “Aerolito”. El País, 12-IV-2003.
— “Uiso pintor. El País, 11-I-2004.
— “Uiso, abierto en canal” Para o liuro Mali. Africa para cegos, 07-2007.
Alfonso Venero, Ricardo
— “Uiso Alemany”. El Habanero, La Habana, 25-II-1994.
Alonso, Antonio
— Catálogo da série Morocco, I-1990.
Antonio, Pedro
— “Uiso en Galeria Hoyo”. Levante, 16-XII-1996.
— “Uiso Alemany, en Galeria C.I.T.E.”. Levante, 10-X-1969.
Araujo, Emanuel
— “Uiso Alemany. A gestualidade em carne viva”. Para o liuro, Se rompe la mano.
— “A gestualidade em carne viva”. Para o catalogo da exposição, a personagem e o caos na Galeria Art Lounge, Lisboa. 02-2006.
Araço, Ma Ángeles
— “Pasión por la materia”. Las Provincias, 25-I-1990. Las Provincias, 4-X-1991.
— “Uiso Alemany: irrefrenable vitalidad”. Las Provincias, 13-III-1992.
— “Uiso Alemany: en la alquería El Palomo”. Las Provincias, 21-IX-1993.
— “Uiso Alemany: rostros en el Almudí”. Las Provincias, 04-II-1998.
Arias, Fernando
— “Artistas valencianos fuera de España”. Hoja del Lunes, 8-I-1990.
— “Uiso Alemany en la Politécnica”. Hoja del Lunes, 19-II-1990.
— “El universo de Uiso Alemany”. Hoja del Lunes, 30-IX-1991.
Baler, Pablo
— “Once and future pionners of visual arts”, Herald. Buenos Aires, 23-V-1999.
Bañós, Francisco
— “La praxis y la vivencia de Uiso Alemany”. Conferência na Faculdade de BBAA de Valência, 21-II-1990.
Bassano, Angela
— Uiso Nomada , Aventurero . Video , “ Llums en el Cavallet , 2010
Beltrán Adolfo
— “Art efimer al Saler”. El Temps, no 10, 30-VI / 5-VIII-1984.
Belluser, Ricardo
— “Talento singular”. Las Provincias, 22-II-1998. Cabral, Helio
— “Uiso Alemany”. Para o liuro Mali. Africa para cegos, 07-2007.
Castaño Adolfo
— “Uiso Alemany”. Estafeta Literaria, no 457, XII-1970.
Castro Flórez, Fernando
— “La tierra fértil de la pintura.” Catálogo da exposição de L’Almudí da Série El rostro dislocado, 1997.
— “Dibujos metálicos: gestos que construyen rostros”. Catálogo da exposição em L’Almudí da Série El rostro dislocada,1997.
— “Una cita apropiada”. Catálogo da exposição em L’Almudí da Série El rostro dislocado, 1997.
— “Aproximación a la teoría del rostro”. Catálogo da exposição em L’Almudí da Série El rostro dislocado,1997. “Una nota sobre las máscaras del Nihilismo”.
— Catálogo da exposição em L’Almudí da Série El rostro dislocado, 1997.
Uiso Alemany. Editado pela Secretaria da Cultura de Valência. 2001.
— Catálogo da exposição Galeria Zero, Ontinyent, Valência, X-2002.

— “Restos cibernéticos y rituales artísticos. (Notas en torno a dos monumentos enarrecidos de Uiso Alemany)”, em Uiso Alemany, Bancaja, 2003.

— “El cuerpo es la hostia”, em Se rompe la mano, Brasil.

— “Não sei o que dizer”. Para o catalogo da exposição Cuba- Cuba na Galeria Art Lounge, Lisboa. 11-2006.

— “Viajes y visiones descomunales de Uiso Alemany” Para o livro Mali. Africa para cegos. 07-2007.

— A catástrofe desejada. [Retorno à descomunalidade pictórica de Uiso Alemany]. Para o livro Ladeira do Desterro.

— “Das Ist Die Ewige Kunst” Del Espacio y el Tiempo de La Pintura fuera de Quicio 2011

Chenouart, Eric

— Uiso Alemany, Editado por Bancaja, 2003.

Cremades i Arlandis, Ferran

— “Uiso Alemany: la materia responde a una idea”. El Económico, 5-XI-1993.

— “Uiso Alemany: primitive play”. Cimel Arte Internacional, no 30 e 31, 1987.

De Guimãraes, José

— “El espejo de arena”. Catálogo da Série Las fases de la luna, 1995.

— “Bohio”, para a exposição Cuba-Abus na Galeria Art Lounge, Lisboa. 11-2006.

De La Calle, Roman

— “La materia como objeto de la acción y reflexión artística”. Catálogo da Série Morocco, 1989.

— “Els diàlegs amb la materia de Uiso”. El Temps, 5-II-1990. “Uiso Alemany mirando, impertinentemente a través de los prismáticos de su pintura, los territorios del rostro”, em Uiso Alemany, Bancaja, 2003.

— “Bocetos, retratos, escenas y secuencias” (A pintura como autobiografía) para o livro Mali. Africa para cegos. 9-2007.

— UISO Video, “Lums en el Cavallet”, 2010

— Uiso Alemany Vivir Y Pintar . Revista Metode Universidad Literaria. Valencia, 2011

— Cuatro acciones Cuatro estaciones. Libro, Un Tiempo, un Espacio, 2011.

Del Castillo, Angel

— “Uiso Alemany en la Galería Da Barra”. Diario de Barcelona, 2-XI-1971.

Dominguez, Martín

— Uiso Alemany. “Fent el selvatge” El País. 26-11-209

— Revista Metode. Universidad Literaria de Valencia. 2011

Dorantes, David

— “Muestra lúdica”. Arte & Gente Expoarte, México, 11-IX-1998.

Estefania, Vicente

— “Encuentro con Uiso Alemany”. Diario de Ibiza, 23-V-1970.

Fernández, Rafael

— “Uiso Alemany”. Las Provincias, 26-VIII-1967.

Ferrando, Bartolomé

— “Llegar al gesto por mediación de la pintura”. Diario Noticias, 13-1-1983. El arte valenciano en la década de los ochenta. El arte de acción en València. Associação Valenciana dos Críticos de Arte, 1983.

Galiana, Antonio

— “Un pintor valenciano en Israel”. Diario 16, 17-IV-1995. “Collages de superposición a punto de ser embalados”. Levante, 13-II-1998.

Garduño, Karla

— “Arte de la instalación”. El informador. Secretaria da Cultura de Jalisco-México, 14-IX-1998.

Garnería, José

— “Uiso Alemany El Rostro Dislocado”, Las Provincias, 14-II-1998.

Hierro, José

— “Uiso Alemany”. Nuevo Diario. Madrid, 8-XI-1970. Ibáñez, Teresa

— “Las máscaras de Uiso Alemany”. Foro Jurídico, 26-III-1998.

Lafora, Vicente

— “Imágenes brutales, miradas primitivas”. Actividad, segundo trimestre 2002.

Lebenglik, Fabian

— Los “rostros dislocados” de Uiso Alemany. Retratos de sels y cuatro.Buenos Aires, 24-V-1999.

Levou, Chiquita

— Aurora, Tel-Aviv, 10/17-V-1995.

López Chabarrí, Eduardo

— “Uiso alemany en la Galería Elia”. Las Provincias, 26-VIII-1967.

— “Uiso Alemany en la Galería C.I.T.E.”. Las Provincias, 17-X-1969.

— “Misterio, exotismo, saber pintar”. Las Provincias, 11-X-1990.

— “La obra de Uiso Alemany en la Universidad Politécnica”. Las Provincias, 14-II-1990.

— “Exposición de Uiso Alemany”. Las Provincias, 1-IV-1992.

López Ruiz, Antonio

— “La obra de Uiso Alemany (Período 1987-1991). Estudio análtico a un proceso de expresión plástica”. Tesis doctoral. Facultad de Bellas Artes de València.

López Ruiz, Isabel

— “Seis muestras, arte valenciano”. Siglo XXI cultura, Guadalajara, México, 9-IX-1998.

Manzana, Rafael

— “Uiso Alemany en la Galería Da Barra”. Solidaridad Nacional, Barcelona, 18-XI-1971.

Marí, Rafa

— “Arte en el matadero”. Las Provincias, III-1984. “Mirando al mar pinté”. Las Provincias, 2-1-1990. “Uiso Alemany. La conquista de la Tierra Santa”. Las Provincias, IV 1995.

— “Imaginativa obra tridimensional en el Almudí”. Las Provincias, 4-II-1998.

— “Uiso Alemany, pintor”. Las Provincias, 4-IX-2001.

Marinho, Justinho

— “Uma visão gestual de Salvador”. Texto para o livro Ladeira do desterro. Salvador. 28-V-2009.

Marsá, Angel

— “Uiso Alemany”. El correo catalán, 13-XII-1971. 173

Mauri, Omar

— “El pintor Uiso Alemany y su visión solidaria”. El Habanero, La Habana, 18-III-1994.

Mederos Sigler, José

— “Amores com cobras, jacares, putas, ratos e aviadores”. Para o livro Mali, Africa par cegos da exposição na Galeria Art Lounge, Lisboa, 10-2007.

Mederos Sigler, José

— “La casa de los locos”. Para o livro O Bohio, a casa dos Loidos. Galeria Art Lounge. Batabanó, La Habana, 22-XII-2008. Mendez, Mauricio

— “Las Atarazanas. Insólito espacio cultural”. Hoja del Lunes, 27-VI-1983.

Millas, Jaime

— “Las propuestas artísticas del Grupo Bulto. Mural en Villa Malea”. Las Provincias, 7-XII-1975.

Mendes, Susana

— Tesis doctoral. Restauracion de Arte Contemporaneo. UISO ALEMANY. 2011

Mira Pastor, Eric

— Dos artistas y tres espacios. “Uiso Alemany i Vicente Peris uers una plàstica de l’efímer”, Reüll, no 8, 1985.

Moral Sandoual, Enrique

— “Uiso Alemany”. Aena Arte, no 13. Inuierno 2002/2003.

Muñoz Ibáñez, Manuel

— Diccionario de pintores y escultores del siglo XX. Forum Artis S.A., 1994.

Nadal, José Ramón

— Catálogo de exposições em Bruxelas, no Hotel de Ville de Sant-Gilles e do Centro Wallon de Arte Contemporânea, Lieja, 1991.

Nascimento, Filomena G.

— Revista Luxos-Time, 12-2006.

Ortiz Partida, Victor

— “Visiones y re- visiones de València”. Siglo XXI. Cultura, Guadalajara, México, 9-IX-1998.

Pérez, Isabel

— El aerolito de Uiso Alemany. Pueblo siglo XXI. Semanal cultural, 25-IV a 1-V-2003.

Pérez Benlloch, J.J.

— “Una pica en Tel-Aviv”. Levante, 16-IV-1995.

— “Uiso Alemany en l’Almudí”. El País, 3-II-1998.

— “EL rostro dislocado de Uiso Alemany”. El País, 4-II-1998. “Uiso Alemany, pintor”. Pueblo, periódico independiente de Valencia, VIII-2001.

Prats Ruelles, Rafael

— “Acción creativa en la dehesa del Saler”. Levante Magacin, 29-VI-1994.

— “La importancia del momento creativo”. Levante Arte, 19-VI-1987.

— “Dinámica de fuerzas encontradas”. Levante Arte, 2-X-1987.

— “Estudios”. Levante Arte, 12-I-1990.

— “Uiso Alemany tras su aventura africana”. Levante, 12-I-1990.

— “La vitalidad utópica de Uiso Alemany”. Qué y donde, no 618 de 15/21-I-1990.

— “Doble intromisión en un espacio barroco”. Levante, 11-X-1991.

— “L’atracció de la aventura”. Catálogo da exposição Heterogênea, II-1997.

Ramos, Miguel Ángel

— “Si en las razones del rostro...” Catálogo das exposições de l’Almudi da Série El rostro dislocado, València, 1997. Real, Olga

— “Los pintores Peris y Alemany de Happening en el matadero”.

Levante, 9-III-1984.

— “Uiso Alemany: los rituales pictóricos transcendidos en materiales

novedosos”. Hoja del Lunes, 6-IV-1992.

Rubio Nombrot, Javier

— “Uiso Alemany: Crónica de la regresión”. El punto de las antes, 14/20-IX-2001.

Salem, Sandra

— “Uiso Alemany. El rostro dislocado”. Prensa y difusión, Centro Cultural Borges, 17-V-1999.

Vallés Rovira, José

— Tele-Expres. 12-XI-1971.

Tenreiro da Cruz, Ricardo

— Uiso. Para el uideo “Llums en el Cavallet”, 2010

Trenor, Borge

— Entrevista. Video “Llums en e Cavallet”, 2010

Ventura Meliá, Rafael

— “Uiso Alemany confronta la pintura y la escultura”. Levante, 4-11-1998.

— “Pinturas, sombras y fetiches”. Levante, 8-II-1998. “Uiso Alemany”.

Levante, 24-VI-2002.

Villena, Miguel Ángel

— “Pintar el desierto”. El País, 20-I-1990.

BIOGRAFIA

1954

Ingresso na Escola de Artes Aplicadas

1959

Reside em Frankfurt e Dusseldorf.

Trabalha para o Marchand Polonês, Dr. Haubenstein

Viagem de estudo à Holanda e Bélgica. Reside em Paris.

1964

Estada em Portugal preparando exposição no Porto.

1968

Funda o Grupo ARA.

1970

Performance: Pintura-Música, Teatro Micalet, València.

Obras no Museu d’Arte Contemporânea, Vilaçamés, Castelló.

1971

Performance: Pintura Cenários no Teatro Micalet, València.

Aquisição de Obra pelo Museu d’Arte Contemporânea, Eluissa.

Estada em Zurique, realizando a série “A Paisagem Humana”.

1972

Funda o Grupo BULTO. Pinta a Série “O Homem Alienado”.

1973

Universidade de València.Colóquio em Paranimfo.“Arte

Combativa, Arte de Rua”.

Colaboração na crítica de arte da Cartelera Turia.

1975

Estudo de integração de doentes mentais em processos

criatiuos e na realização de pinturas.

Pintura de 2 murais com 400m cada

1980

Realizações cenográficas para a obra “Boulevard América”

(Kařka), no Teatro Principal de València.

Realização da obra ELX para o Museu d’Arte Contemporânea

Curso de grauação em Turim, Itália.

1982

Muda-se para Nova York onde trabalha na série “Abstracções”.

Executa murais e cenografias para a Cervejaria Madrid.

A faculdade de Belas Artes de València cede-lhe, como estúdio

temporário, o Salão Neoclássico, onde pinta 50 telas de

grande formato.A sua execução serve como exposição permanente.

1983

A Câmara de València cede-lhe as “Reais Atarazanas” – edifício

gótico do século XV, onde trabalha em grandes formatos

a série “Afalendos”.

1984

Trabalha com Vicente Peris no antigo matadouro municipal,

cedido pela Câmara, onde tem lugar uma mostra.

1985

Mostra na sua própria oficina, por motivo de inauguração da mesma.

É convidado pela Escola de Artes Aplicadas de València para fazer

uma conferência.Promove o curso “Arte Efemera”, na Uniuersidade

de València, Escola d’Estiu. São feitos videos da sua obra para o

Museu Stadelik de Amsterdão.

1987

Obra mural para a Casa da Cultura, Câmara de Carlet.

1988

Al-Heceima, Marrocos. Obras para o Colégio Espanhol.

Passa a residir em Marrocos, onde pinta, no deserto, a série “Marocco”

1990

Mesa Redonda “O processo de criação na obra de Uizo Alemany”

–Universidade Politecnica de València.

Conferência “A Prática e a Vivência de Uizo Alemany” a cargo

de Francisco Banos.

1991

Viaja para a Bélgica para preparar as exposições no Centro

Wallon de Arte Contemporânea de Lieje e no Hotel da Vila

de S.Gilles, em Bruxelas.

1992

Guaches para a revista literária L’Aplec.

1993

Na Faculdade de Belas Artes apresenta a tese de doutoramento

“A Obra de Uizo Alemany (período de 1987-1991).

Estudo analítico de um processo de expressão plástica”, realizado

por António Lopez Ruiz, professor da BB.AA.

Nesse ano muda-se para a Grécia (Creta), dando início

à série “Cretense”.

Inaugura o estúdio-oficina Alquería, com a exposição

da série “Cretense”.

1994

Viagem a Cuba, convidado para a Exposição Abanico Espano-Cubano.

Realiza uma obra para a UNICEF.

1995

Viaja para Cuba a convite da União Nacional de Escritores e Artistas

Cubanos (U.N.E.A.C.).

O IVAM (Instituto Valencia d’Art Moderna) adquire uma obra sua.

Obra para o Ministério do meio ambiente, València. É encarregado da

realização do cartaz do Castelo de l’Olla.

1996

Viagens ao México e a Miami, onde realiza uma exposição no Centro

Cultural Espanhol.

Preparação da exposição “ O rosto deslocada”.

1997

Realiza uma mostra na inauguração da sua exposição no Convento de

San Francisco de Hauana. Viaja para Baracoa e durante a sua estadia

realiza a série de retratos “Mulata Cubana”.

Permanece em Buenos Aires para a preparação da sua exposição no

Centro Cultural Borges. Realiza uma mostra no Hotel.

Video sobre a sua obra para a série “La casa de la mirada”. Realização

do cartaz de Fallas.

No deserto de Atacama, no Chile, trabalha sobre a série “Tumbas

do Deserto”.

2001

Em Cuba, documenta a série “Primate Cubano”.

Prepara a Exposição paea o Círculo de Belas Artes de Madrid.

Realiza o “Manifesto Tartufo”, em colaboração com o pintor cubano

José Mederos.

2002

Ilustra o numero 18 da revista literária Cáceres, da Universidade

de València.

Pinta a série “Desnudos” no Caribe

Exposição

Erotica

Autor

Uiso Alemany

Produção

Galeria Art Lounge

Assessoria

Judite Esteves

Ferando Fragoso

Coordenação

Ricardo Tenreiro da Cruz

Curadoria

Ricardo Tenreiro da Cruz

Textos

Fernando Castro Flores

Revisão

Ricardo Tenreiro Da Cruz

Fotografia

Art Lounge

Design Gráfico

+2 designers (www.mais2designers.com)

Impressão e Acabamentos

Geração Criativa Artes Gráficas

-

Galeria Art Lounge

Rua António Enes, 9c
1050-023 Lisboa . Portugal

-

T: (+ 351) 213 146 500

(+ 351) 917 250 181

-

art@artlounge.com.pt

www.artlounge.com.pt

-

Horário segunda a Sábado
das 11h00 às 19h30

